



OS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E O USO DAS FERRAMENTAS MIDIÁTICAS

Kalina de França Oliveira ¹

RESUMO

Há inúmeras críticas com relação ao ensino de Língua Portuguesa (LP) e à metodologia utilizada por alguns professores na contemporaneidade. Levando em consideração tal problemática, os recursos tecnológicos surgem como ferramentas para que esta imagem seja reconstruída e as lacunas existenciais no processo de ensino-aprendizagem diminuam. Com base nisto, a presente pesquisa de campo tem como objetivo analisar a postura dos professores de LP de uma escola estadual da Paraíba diante do ciberespaço e das novas ferramentas midiáticas e as possíveis contribuições dos recursos tecnológicos no ensino da língua. Para tal, os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa foram: levantamento bibliográfico, aplicação de questionários aos professores de LP e análise dos dados coletados. A pesquisa está fundamentada nas considerações de BELLONI (2005), LÉVY (1999), GABRIEL (2013), dentre outros. A partir desta pesquisa percebeu-se que as práticas de ensino de LP ainda estão distantes dos avanços tecnológicos vigentes, como se fosse possível dissociar a escola da *paideia* digital que a cerca.

Palavras-chave: Ferramentas midiáticas, Formação docente, Ensino de língua portuguesa.

INTRODUÇÃO

Na “Era da Interface” é premente que as aulas de Língua Portuguesa (doravante LP) tenham que desenvolver ações educativas que envolvam recursos tecnológicos digitais, tendo em vista que a escola forma cidadãos para a vida e um dos objetivos do ensino fundamental é desenvolver nos alunos a habilidade de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (PCN, 1998, p. 8).

Dessa forma, não há como dissociar as tecnologias da escola, nem a escola das tecnologias, ou seja, estas já fazem parte da vivência e da prática docentes, ou pelo menos já deveriam fazer, tendo em vista que a escola não pode ficar à margem desta *paideia* digital (GABRIEL, 2013). Há inúmeras críticas com relação ao ensino de LP na atualidade e à metodologia utilizada pelos professores, que em sua maioria continuam mantendo aulas enfadonhas e desinteressantes. Isto faz com que o estudo da língua acabe sendo visto pelos

¹ Mestra pelo curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, kalina.ufpb.tae@gmail.com.



alunos como algo complicado e distanciado da prática do falante, por conta das intermináveis regras impostas pela gramática normativa.

Deve-se levar em consideração que os recursos tecnológicos surgem como ferramentas indispensáveis para que tal imagem seja reconstruída e as lacunas existenciais no processo de ensino e de aprendizagem diminuam ou desapareçam, e, com isso, a escola se transforme em um ambiente de construção colaborativa, onde tudo e todos se tornem peças fundamentais de um processo e o professor assuma, de fato, o papel de mediatizador, gerando conhecimento de forma significativa e não meramente conteudista. O problema da pesquisa é o seguinte: como as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) auxiliarão os docentes a colaborarem na formação de alunos autônomos, pesquisadores, críticos, conectados e que darão sozinhos os seus próprios passos na construção do conhecimento?

Em vista desse contexto, nossa proposta para este trabalho foi desenvolver uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, partindo de um levantamento bibliográfico para, em seguida, proceder a uma coleta de dados (aplicação de questionários) e análise dos mesmos.

Consideramos as aulas de LP um momento propício para a produção e apropriação de diversos gêneros (digitais ou não) que permeiam a vida cotidiana. Destarte, objetivamos com esta pesquisa refletir sobre a importância das ferramentas de comunicação digital nas aulas de LP e na prática pedagógica do contexto atual.

Para atingir o objetivo da pesquisa foram aplicados questionários aos professores de LP da E.E.E.F.M. Irineu Pinto, localizada na cidade de Bayeux, com o intuito de estabelecer a *performance* do professor de LP diante das novas ferramentas midiáticas no atual paradigma.

Diante do contexto midiático que nos envolve, em que os alunos estão, literalmente, inseridos no ciberespaço, tendo diariamente acesso – por vezes, sem nenhuma análise criteriosa – a uma gama de informações nas redes sociais, nos *sites* de informação e de pesquisa, navegando à deriva pela *web*, de forma ilimitada, conectados com o mundo, curtindo e compartilhando tudo que veem, os professores de LP podem aproveitar ou enxergar com outros olhares os benefícios que esses avanços técnico-científicos trazem no quesito, sobretudo, da produção textual, afinal, “as mensagens eletrônicas são hoje, possivelmente, o tipo de texto mais produzido nas sociedades letradas” (PAIVA, 2010, p.87).

METODOLOGIA



Para a realização desta pesquisa, questionários foram distribuídos a sete professores de LP que responderam às questões propostas com o intuito de verificar se estes trabalham com gêneros digitais nas aulas de LP e quais os seus olhares acerca do uso das ferramentas midiáticas nas salas de aula. Tais questionários foram aplicados tendo como foco o uso das TDICs na prática pedagógica diária e a sua relação com a formação do professor e as novas tecnologias.

Os sete participantes atuavam na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Pinto, na cidade de Bayeux, Paraíba, sendo uma das escolas públicas da rede estadual com laboratório equipado e em funcionamento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Transitou-se das mídias eletrônicas (clássicas) às mídias digitais (*on line*). E a partir de então, acentuou-se a utilização da internet, e com ela as mudanças significativas nas produções escritas apareceram, necessárias diante desse novo meio de interação surgido.

Dessa forma, alargou-se um abismo ainda maior entre as práticas de escrita tradicionais promovidas nas instituições escolares e as práticas sociais de escrita, realizadas com uma maior intensidade em ambientes virtuais. A figura do professor de LP aparece neste contexto como aquele que deve mediar tal situação, enquanto profissional comprometido com a atualização de sua prática pedagógica.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), uma das prioridades do Ensino Fundamental é a capacitação dos alunos para saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos que os permitam adquirir e construir conhecimento. Desta maneira, com a inserção das novas ferramentas midiáticas (o *tablet* e o *smartphone*, por exemplo) no contexto escolar, percebe-se a necessidade de um redimensionamento do papel do professor de LP diante da “Era da Interface”, passando de simples informador a formador.

Para que isso ocorra, é necessário que ele mediatize o conhecimento com maestria na sala de aula e com isso forme alunos autônomos na conquista do saber, inserindo os novos recursos tecnológicos como ferramentas produtivas na melhoria de suas práticas pedagógicas. O intuito primário para essa atitude deve ser o de promover um ensino em sintonia com o contexto vigente, formando cidadãos críticos e participativos neste novo ambiente de promoção do conhecimento, o ciberespaço.



O termo *ciberespaço* surgiu em 1984, tendo sido proposto por William Gibson, escritor norte-americano, que o utilizou pela primeira vez em seu livro de ficção científica *Neuromancer*. Na contemporaneidade, o termo tem sido usado com bastante frequência pela mídia quando o tema em voga são as novas tecnologias.

Inicialmente, o ciberespaço se configurava como sinônimo de internet. Contudo, para Lévy (1999), o termo utilizado inicialmente por William Gibson ganha outra conotação, tendo seu significado ampliado, estendendo o ciberespaço a um novo espaço aberto de promoção de conhecimento e comunicação, surgido a partir da interconexão mundial de computadores, chamado por ele de “geografia móvel da informação”.

Conforme Lévy (1999, p. 17), “o termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”, ou seja, o ciberespaço envolve a infraestrutura das redes telemáticas, a informação processada e até os seres humanos que estão conectados e interagindo neste novo espaço.

Ainda segundo Lévy (1999, p. 12), “as tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento”. Sendo assim, entende-se que a internet é a uma das infraestruturas que mantém o ciberespaço, figurando como parte dessas tecnologias digitais surgidas a partir deste novo ambiente.

Diante deste novo contexto tecnológico, no qual as informações (‘bens imateriais da cibercultura’) estão alocadas nas nuvens – lugar sem dono, onde tudo é de todos – a escola precisa, antes de qualquer coisa, encontrar a si mesma no ciberespaço. Para que isso ocorra, é necessário, inicialmente, permitir que o ciberespaço faça parte de sua prática pedagógica, que deve estar inserida em um paradigma de aprendizagem colaborativa. Será que os professores estão preparados para tamanha revolução? É o questionamento latente que ora vigora.

Ultrapassar os muros da escola e as quatro paredes da sala de aula para se conectar com o mundo, enxergando assim as diversas possibilidades de uso das novas tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) no contexto educacional, é o desafio da escola na contemporaneidade.

É necessário ter em vista que:

[...] a escola não pode ignorar o que se passa no mundo. Ora, as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC ou NTIC) transformam espetacularmente não só nossas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir e de pensar” (PERRENOUD, 2000, p. 125).



Desta forma, a escola não pode deixar de lado as tecnologias, principalmente as digitais, porque se assim proceder estará andando em descompasso com o mundo globalizado e formando cidadãos, decerto, alienados.

Diante do atual paradigma que se desenha, recai sobre os professores, sobretudo os de LP, a missão de estabelecer uma ponte entre o ciberespaço, as tecnologias digitais, as ferramentas de uso docente e a escola, pois trabalham com língua, linguagem e interação entre interlocutores, além dos processos de leitura e escrita em variados suportes. Percebe-se que na situação explícita de interação, diversos atores lidam com as novas tecnologias digitais associadas ao ciberespaço, utilizando para isso a escrita como recurso. Dessa maneira, cabe prioritariamente aos professores de LP subsidiarem a exploração adequada desses novos aparatos.

Surge, neste contexto educacional, a necessidade do ‘professor interface’, que não é mais aquele centralizador de conteúdos do paradigma tradicional de ensino, tendo em vista que eles estão acessíveis a todos na própria rede. “Assim, o professor, que antes funcionava como filtro de conteúdo, passa a ter um valor essencial como interface, para auxiliar a navegação no mar de informações” (GABRIEL, 2013, p. 104).

Como auxiliar os alunos a navegarem em tão extenso mar de informações que transitam pelo ciberespaço é o ponto crucial da prática docente neste novo paradigma. Quando o professor de LP ousa conduzir os seus alunos à sala de informática de sua escola e trazer como proposta para aquela aula a utilização inteligente e mediatizada de uma nova ferramenta midiática (ambiente *web*, por exemplo) no contexto escolar, ele está, direta ou indiretamente, contribuindo para a inserção proficiente dos seus educandos na cibercultura, mesmo que os seus alunos já tenham – fora do ambiente escolar – tido acesso a tal ambiente virtual, ou mesmo quando utilizam o celular (*mobile learning*) como recurso (envio de torpedos, por exemplo).

A partir de então, o professor não mais centralizador do conhecimento passa a indicar os caminhos para que os alunos os percorram de forma autônoma, embora tal indicação permaneça paralela à metodologia e à escolha de estratégias eficazes que tenham como foco o aluno e a aquisição de conhecimento. Nessa metodologia atual de ensino entram as novas ferramentas midiáticas como suportes para promoção de uma educação *na* era digital e *para* a era digital, e com isso exige-se neste novo panorama “concepções metodológicas muito diferentes daquelas das metodologias tradicionais de ensino, baseadas num discurso científico linear, cartesiano e positivista” (BELLONI, 2005, p. 27).



Alguns docentes, dentre eles os de LP, sentem estranhamento frente a essa atual demanda por não conseguirem utilizar com habilidade as novas ferramentas midiáticas de forma pedagógica, ou seja, ainda não conseguiram ‘domesticá-las’ para utilização no campo educacional. Além do mais, sentem dificuldades, como ‘imigrantes digitais’ que são, em inculcar novas roupagens a velhas práticas, ou melhor, construir novas práticas que casem com as roupagens atuais, haja vista que a utilização das novas ferramentas midiáticas “com fins educativos exige mudanças radicais nos modos de compreender o ensino e a didática” (BELLONI, 2005, p. 27).

Acaba-se por verificar, em alguns casos, por mero modismo, a subutilização dos recursos midiáticos ou a pseudoutilização dos mesmos, quando utilizados por professores sem conhecimento prévio do quê, quando e como fazer, acreditando que os meios (as ferramentas midiáticas, por exemplo) justifiquem todo e qualquer fim, mesmo que este fim não acarrete conhecimento significativo, como se fosse possível assim informatizar o ensino tradicional.

O professor de LP necessita ter conhecimento prévio na área tecnológica para visualizar os benefícios que as mídias digitais podem trazer às salas de aula, nos quesitos de leitura e produção textual, pontos basilares no trabalho com a língua. Consequentemente, ele deve estar letrado digitalmente para utilizar com maestria as ferramentas midiáticas como recursos didáticos, a fim de que ações eficazes sejam desenvolvidas a partir dele, caso contrário, estará apenas engessado no ciberespaço e não inserido nele.

Assim sendo, dentro de um ambiente formal de promoção do conhecimento e criação de cultura, em especial a escola, é notório que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos ‘professores interfaces’ devam, ao menos, expor as diversas possibilidades de aproveitamento dos benefícios trazidos por essas inovações tecnológicas. Mas, para que isto aconteça, “eles precisam abraçar as necessidades do novo modelo informacional e social e se desapegarem dos modelos tradicionais que não funcionam mais e que, assim, perderam valor” (GABRIEL, 2013, p. 104), e não funcionam mais porque não se encaixam na realidade dos próprios discentes e andam em descompasso com os avanços vigentes.

Referimo-nos aos benefícios pelo fato de ser encontrado um grande volume de conhecimentos produzidos por intelectuais e que estão suspensos ‘nas nuvens’ (atmosfera da web). Entretanto, muitos desses conhecimentos ainda não são objeto de exploração por parte da grande massa estudantil – navegar entre bibliotecas, jornais, guias, *sites* de informações diversos etc. – ou seja, mesmo ‘nativos digitais’ ativos nos ambientes (ou entornos) virtuais ainda não se apropriaram dos ganhos que a rede pode lhes oferecer.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaixo, há o primeiro Quadro-Síntese (Quadro 1), construído a partir das respostas aos questionários aplicados no mês de julho de 2014, seguido da legenda na qual se apresenta a numeração com sua respectiva correspondência.

Quadro 1 – Professores de LP e as tecnologias digitais

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Prof. 1	UFPB	Mestrado/ Especialização	10 anos	Sim	Sim	Sim	Sim	Colaboram	Raramente
Prof. 2	UFPB	Especialização	22 anos	Sim	Sim	Sim	Sim	Colaboram	Às vezes
Prof. 3	UFPB 6º	Não	2 anos	Sim	Sim	Sim	Sim	Colaboram	Às vezes
Prof. 4	FAFIB	Especialização	25 anos	Sim	Sim	Não	Não	Prejudicam	Raramente
Prof. 5	UEPB	Não	13 anos	Não	Não	Não	Sim	Colaboram	Nunca
Prof. 6	UEPB	Não	9 anos	Não	Não	Sim	Sim	Colaboram	Nunca
Prof. 7	UVA	Não	4 anos	Não	Não	Sim	Sim	Prejudicam	Raramente

Fonte: Dados obtidos por meio de aplicação de questionário, 2014.

Legenda:

- 1 – Instituição em que se licenciou.
- 2 – Outro curso além da licenciatura.
- 3 – Tempo de atuação na área.
- 4 – Se participa ou participou de algum curso ou formação continuada acerca do uso das TDICs na sala de aula.
- 5 – Se trabalha com gêneros digitais na sala de aula.
- 6 – Se utiliza alguma ferramenta tecnológica.
- 7 – Se se sente seguro para inserir as tecnologias digitais na sala de aula.
- 8 – Se os gêneros digitais colaboram ou prejudicam a produção escrita dos alunos em sala de aula.
- 9 – Frequência de utilização da sala de informática.

Com relação à formação inicial (graduação), dos sete entrevistados, apenas um não concluiu a sua licenciatura, estando ainda no sexto período do curso de Letras (UFPB), embora já leccione há dois anos. Quanto aos demais, todos são graduados em Letras por variadas instituições (UFPB, UEPB, UVA e FAFIB) e já atuam na área há algum tempo (4, 9, 10, 13, 22, 25 anos de sala de aula).



Dos professores de LP da E.E.E.F.M. Irineu Pinto que responderam ao questionário apenas um possui Mestrado (UFPB) e três dos sete possuem especialização (Psicopedagogia, Metodologia da Língua Portuguesa e Educação a Distância). Percebe-se que há professores com muito tempo de atuação docente (4, 9, 13 anos) mas que não ingressaram, ao menos, em um curso de especialização, tendo estacionado sua formação na graduação.

Quando questionados se participam ou participaram de algum curso ou formação continuada acerca do uso das TDICs na sala de aula, três informaram que não, ou seja, nem mesmo do curso “Educador Digital”, oferecido gratuitamente pelo Governo do Estado da Paraíba, fizeram parte, em nenhuma de suas edições. Com relação aos demais, três participaram do PROINFO, ou seja, estão incluídos entre os 10 mil professores ‘capacitados’ para a utilização da tecnologia digital na sala de aula através da formação continuada promovida pelo ente estatal.

Em seguida, o segundo Quadro-Síntese (Quadro 2):

Quadro 2 – Professores de LP e os gêneros digitais

	1	2
Prof. 1	E-mail.	Celular.
Prof. 2	Blog, Facebook.	Computador (para pesquisa) e o celular.
Prof. 3	E-mail, Facebook.	Celular, <i>tablet</i> e <i>notebook</i> .
Prof. 4	Blog.	XXXX
Prof. 5	XXXX	XXXX
Prof. 6	XXXX	Computador, celular e o ‘projektor’.
Prof. 7	XXXX	Computador.

Fonte: Dados obtidos por meio de aplicação de questionário, 2014.

Legenda:

1 – Os gêneros digitais que utilizam em suas aulas de LP.

2 – As ferramentas tecnológicas que utilizam em sala como recurso.

Passando para o trabalho com gêneros digitais na sala de aula, três docentes assinalaram que não trabalham com tais gêneros, coincidindo com os mesmos professores que não participaram de nenhum curso ou formação tendo como foco as TDICs e sua inserção na prática docente. Essa constatação confirma a ideia de Silva (2004) de que há a necessidade de um conhecimento prévio por parte do professor para que ele contribua pedagogicamente na inclusão do aluno na cibercultura.

Portanto, como inserir os gêneros digitais sem nenhuma formação que habilite o docente a realizar essa inserção? Por outro lado, o que faz com que o professor de LP opte por não participar das formações oferecidas pelo Governo do Estado – nem de nenhuma outra –, e



assim continue a reproduzir práticas tradicionais de ensino? Temos, dessa forma, questionamentos pertinentes diante de tal cenário observado.

Os quatro professores de LP que indicaram trabalhar com gêneros digitais em suas aulas elencaram apenas três gêneros por eles explorados, a saber: o *blog*, o *e-mail* e o *Facebook*. Os *chats* e as listas de discussão, embora estejam costumeiramente entre os gêneros digitais mais praticados, não apareceram na pesquisa.

Dois dos professores explicitam que utilizam o *Facebook* como um AVA (ambiente virtual de aprendizagem). Eles criam grupos fechados dentro dessa rede social e adicionam os alunos da turma neste ambiente, que acaba se tornando um espaço além da sala de aula para interagirem e compartilharem conhecimento.

Nesses grupos são publicadas informações pertinentes (estrutura dos trabalhos, esclarecimento de dúvidas etc.), adicionados arquivos (material complementar sugerido pelo professor ou por algum aluno), além disso, vídeos e fotos podem ser postados, eventos podem ser registrados (por exemplo, data de uma avaliação ou uma programação geral da escola) e uma série de outras possibilidades de uso.

No tocante às ferramentas tecnológicas utilizadas como recursos didáticos, dois dos professores responderam que não as utilizam em suas aulas. Embora a escola tenha laboratório de informática, esses professores não mencionaram sequer o uso do computador como recurso midiático. As ferramentas tecnológicas utilizadas pelos demais professores de LP informadas foram: computador/*notebook*, celular, 'projektor' e um deles incluiu o *tablet*.

Somente um professor de LP afirmou não se sentir seguro para inserir as tecnologias digitais em suas aulas, por mero desconhecimento acerca da área, embora ele mesmo tenha assegurado que concluiu a formação continuada PROINFO. Tal declaração suscita questionamentos com relação ao aproveitamento, rendimento e conhecimentos obtidos por parte desse profissional ao participar do referido curso. Levando em consideração a declaração deste professor, depreende-se que apenas o PROINFO não capacitou este profissional, e quiçá inúmeros outros, a ponto dele se sentir inseguro para inserir com habilidade as tecnologias digitais em seu cotidiano.

Os seis outros professores de LP assinalaram segurança para inserir as tecnologias digitais em sala de aula, embora alguns não utilizem tais tecnologias mesmo estando seguros com relação a esses avanços midiáticos vigentes, distanciando-se da concepção de 'professor interface' e colaborando para que aumente o descompasso entre a escola e a aldeia global que nos cerca.



No que se refere à produção escrita, dois professores informaram que o uso dos gêneros digitais pelos alunos prejudica o processo de escrita, enquanto que os outros cinco docentes assinalaram que esse uso colabora, já que eles estão praticando a escrita em um contexto real, embora cometam ‘desvios’ nessa produção.

Os dois professores que informaram que tais práticas *prejudicam* entendem que a escrita em ambientes virtuais contradiz as regras impostas pela norma culta e que os alunos “devem empregar a escrita de acordo com a norma gramatical”, nas palavras de um desses professores. Ou seja, esses docentes não compreendem que na utilização daqueles gêneros é possível uma escrita que ‘viole’ a norma culta, pois ela se adequa àquela situação comunicativa e nem enxergam, neste contexto, a variação linguística cabível. Assevera Antunes (2009, p. 209) que “a língua varia também na sua modalidade escrita, em decorrência da imposição de adequar-se às diferentes situações de uso em que se insere”.

Isto não quer dizer necessariamente que o aluno irá utilizar esta forma híbrida (*netspeak*, por exemplo) em uma escrita formal, cabendo ao professor mediar tal emprego e não se omitir diante desta situação, ou seja, é necessário que os professores deem a oportunidade aos alunos de utilizarem a língua em diversos contextos e em variados gêneros (digitais ou não).

A última questão faz referência à frequência com que eles utilizam o laboratório de informática da E.E.E.F.M. Irineu Pinto com os alunos durante as aulas de LP. A partir da aplicação do questionário percebeu-se que 2 dos sete professores ‘nunca’ utilizaram o laboratório, 3 ‘raramente’ fizeram uso deste espaço e os outros dois informaram que ‘às vezes’ o utilizam.

Verifica-se que a sala de informática é um espaço pouco explorado pelos professores de LP, pois nenhum deles assinalou, por exemplo, que ‘sempre’ a utiliza. Entretanto, visto que seis dos sete professores se sentem seguros no uso das TDICs, por que não utilizam o referido espaço com assiduidade?

Assim, embora a escola disponha do laboratório de informática como um local a mais de promoção do conhecimento, confirma-se a ideia de Silva (2004) de que, mesmo com o computador e a internet na escola, a educação pode continuar do jeito que ela sempre foi, e as práticas educacionais continuarão da mesma forma caso as mudanças radicais no modo de compreender o ensino e a didática, suscitadas por Belloni (2005), não sejam colocadas em prática.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores de LP precisam conquistar o seu público-alvo (os discentes), e uma das formas de viabilizar essa conquista é trazer às salas de aula os aparatos tecnológicos que os alunos utilizam fora dela. No paradigma vigente percebe-se que “o encanto não está no livro nem no computador, o encanto está na forma como os usamos e como nos relacionamos com eles” (COSCARELLI, 2006, p.12). Destarte, o professor na era digital deve rever suas práticas e até a ‘subutilização’ dos recursos midiáticos frente às gerações digitais.

As práticas de ensino de LP ainda estão distantes dos avanços tecnológicos vigentes (RANGEL; FREIRE, 2012), como se pudéssemos dissociar a escola do mundo globalizado que nos cerca. A grande questão será compreender como a escola irá lidar com a transmissão do saber nesta nova concepção de educação inserida no ciberespaço.

Para que os professores de LP passem a se inserir no ciberespaço, utilizando as novas ferramentas midiáticas a seu favor nas salas de aula, na tentativa de formar cidadãos autônomos na conquista do saber e conscientes do uso da língua em diversos contextos, eles devem conhecer as características latentes “das gerações digitais para poderem desenvolver processos educacionais que sejam adequados a elas em função de seus comportamentos, interesses, equipamentos que utilizam” (GABRIEL, 2013, p. 88). Caso isso não seja feito, as salas de aula jamais conseguirão ser locais convidativos e nem estimularão as novas descobertas, pois o ritmo latente de inovações no ciberespaço andarão em desarmonia com o ritmo da própria escola, sendo o mundo fora da escola mais interessante que aquele dentro dela.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia educação**. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COSCARELLI, Carla Viana. Os dons do hipertexto. **Littera**: Lingüística e literatura, Pedro Leopoldo: Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo, 2006. [no prelo] Disponível



em: <<http://www.letras.ufmg.br/carlacoscarelli/publicacoes/DonsDoHipertexto.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

GABRIEL, Martha. **Educ@r: a (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *E-mail: um novo gênero textual*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 81- 108.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p. 125-139.

RANGEL, Mary; FREIRE, Wendel. **Educação com tecnologia: texto, hipertexto e leitura**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

SILVA, Marco. Internet na escola e inclusão social na cibercultura. In: SEMINÁRIO VIRTUAL DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE, 1., 2004, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Secretaria de Educação, 2004. Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br/smed/capeonline/seminario/marco.html>>. Acesso em: 05 jul. 2020.